

Dostoievski

Contos

“Os Mais Brilhantes Contos de Dostoiewski”

Tradução de Ruth Guimarães.

Edições de Ouro

1970

O Subsolo*

I

EU SOU um homem doente... Sou um homem malvado. Sou um homem desagradável. Creio que tenho uma doença do fígado. Aliás, não compreendo absolutamente nada da minha moléstia e não sei mesmo exatamente onde está o mal.

Não me cuido, nunca me cuidei, se bem que estime os médicos e a medicina. Demais, sou extremamente supersticioso, o bastante, em todo o caso, para respeitar a medicina (sou bastante instruído: poderia então não ser supersticioso, mas sou). Não! Se não me trato, é pura maldade de minha parte. Não sabereis certamente compreender. Pois bem! Eu compreendo. Não poderei evidentemente explicar-vos em que errei, agindo tão malvadamente: sei muito bem que não são os médicos que eu incomodo, recusando-me a tratar-me. Não engano senão a mim mesmo; reconheço-o melhor que ninguém. Entretanto, é mesmo por malvadez que não me trato. Sofro do fígado! Tanto melhor! E tanto melhor ainda se o mal piora.

Há muito tempo já que eu vivo assim: uns vinte anos, pouco mais ou menos. Fui funcionário, pedi demissão. Fui um funcionário muito ruim. Era grosseiro e tinha prazer em sê-lo. Podia bem me compensar desta maneira, pois que eu não aceitava gorjetas (esta brincadeira não tem graça; mas não a suprimirei. Escrevi-a crendo que teria espírito; não a apagarei, entretanto, expressamente; porque vejo que queria me dar ares de importância). Quando os solicitantes em busca de informações se aproximavam da mesa diante da qual eu estava sentado, eu rangia os dentes; sentia uma volúpia indizível, quando conseguia causar-lhes algum aborrecimento. Conseguia-o quase sempre. Eram geralmente pessoas tímidas, acanhadas. Solicitantes, pois quê! Mas havia às vezes presumidos entre eles, petulantes, e eu detestava particularmente certo oficial. Ele não entendia de submissão e arrastava o grande sabre, de um modo detestável. Durante um ano e meio movi-lhe guerra, por causa desse sabre, e finalmente saí vencedor: ele parou de teimar. Isto, aliás, se passava no tempo da minha mocidade.

Ora, sabeis, senhores, o que excitava, sobretudo minha raiva, o que a tornava particularmente vil e estúpida? É que eu me inteirava vergonhosamente, mesmo quando a minha bÍlis se esparramava mais violentamente, que eu não era mau homem, no fundo, não era nem mesmo um homem azedo, e que tomava gosto, muito simplesmente, em assustar os pardais. Tenho espuma na boca; mas, trouxe-me uma boneca, ofereci-me uma chávena de chá bem doce, e é provável que eu me acalme; sentir-me-ei mesmo muito comovido. É verdade que, mais tarde, morderei os punhos de raiva, e de vergonha perderei o sono durante alguns meses. Sim, eu sou assim.

Menti antes, quando disse que tinha sido um mau funcionário. Foi por despeito que menti. Tentava muito simplesmente distrair-me com os solicitantes e esse oficial, e nunca pude conseguir tornar-me realmente mau. Com efeito, verificava sempre em mim a presença de um grande número de elementos diversos que se opunham violentamente. Sentia-os fervilharem em mim, por assim

* O autor do diário e o diário mesmo são, evidentemente, imaginários. No entanto, é claro que tais pessoas como o escrito destas notas não apenas podem, mas positivamente, devem, existir em nossa sociedade, quando nós consideramos as circunstâncias em meio às quais nossa sociedade é constituídas. Tentei expor ao público em geral, de uma forma mais enfática do que comumente se usa, um dos tipos do passado recente. Ele é um dos representantes de uma geração que ainda vive. Neste fragmento, intitulado "O Subsolo", esta pessoa apresenta-se e a visão dele, e, como ele sempre foi, tentando explicar as causas próprias pela quais ele fez sua aparição e foi levado a realizar sua aparição em nosso meio. No segundo fragmento, há outras anotações adicionais às notas atuais desta pessoa relacionadas a certos acontecimentos de sua vida. – NOTAS DO AUTOR.

dizer. Sabia que estavam presentes sempre e aspiravam a manifestar-se do lado de fora, mas eu não os deixava; não, não lhes permitia evadirem-se. Atormentavam-me até à vergonha, até às convulsões. Oh! Como eu estava fatigado! Como estava saturado!

Mas não vos parece, senhores, que eu me arrependo e que vos peço perdão de não sei que crime? Estou certo, senhores, que ides imaginar isso... Mas, aliás, digo-vos que, quer vós o imagineis ou não, isso me é indiferente...

Jamais consegui nada, nem mesmo me tomar malvado; não consegui ser belo, nem mau, nem canalha, nem herói, nem mesmo um inseto. E agora, termino a existência no meu cantinho, onde tento piedosamente me consolar, aliás, sem sucesso, dizendo-me que um homem inteligente não consegue nunca se tornar alguma coisa, e que só o imbecil triunfa. Sim, meus senhores, o homem do século XIX tem o dever de ser essencialmente destituído de caráter; está moralmente obrigado a isso. O homem que possui caráter, o homem de ação, é um ser essencialmente medíocre. Tal é a convicção de meus quarenta anos de existência.

Tenho quarenta anos atualmente. Ora, quarenta anos, é toda a vida, é a profunda velhice. É inconveniente, é imoral, é vil viver além dos quarenta. Quem vive depois dos quarenta anos? Respndei sinceramente, honestamente! Vou dizer-vos, sim, eu: os imbecis, os patifes, esses vivem mais de quarenta anos. Eu o proclamarei à face de todos os velhos, de todos os respeitáveis velhos, de todos os velhos de cabelos cor de prata e perfumados! Eu, o proclamarei à face do universo inteiro. Tenho o direito de falar assim, porque eu, eu viverei até os sessenta anos! Até os setenta anos! Até os oitenta anos! Mas esperai! Deixai-me tomar fôlego!

Imaginai, certamente, senhores, que me proponho vos fazer rir? Enganai-vos a esse respeito, como sobre o resto. Não sou de modo algum tio divertido como vos parece, ou quanto vos pode parecer. De resto, se agastados por tida essa tagarelice (estais irritados, sinto já), vós me perguntais o que sou, afinal de contas, responderei: sou um assistente de colégio. Entrei na administração para poder comer (mas unicamente para isso), e quando no ano passado um dos meus parentes afastados me legou por testamento seis mil rublos, pedi depressa minha demissão e me enterrei no meu canto; ali morava já há muito tempo, mas instalei-me agora definitivamente. O quarto que ocupo nos confins da cidade é feio, e desmantelado. Minha criada é uma velha camponesa que a burrice tornou malvada; além disso, cheira mal. Dizem-me que o clima de Petersburgo me é prejudicial, e que a vida custa caro demais para os recursos ínfimos de que disponho. Sei disso; sei bem melhor que todos esses sábios conselheiros. Mas fico em Petersburgo. Não deixarei Petersburgo porque... Que eu parta ou não, aliás, que importa!...

Mas, do que um homem honesto pode falar com mais prazer?

Resposta: de si mesmo.

Pois bem! Vou então falar de mim mesmo!

II

Quero agora contar-vos, meus senhores, quer o desejeis ou não, por que eu não consegui nem mesmo me tornar um inseto. Declaro-vos solenemente: um grande número de vezes já tentei tornar-me um inseto; mas não fui julgado digno disso.

Uma consciência clarividente demais, asseguro-vos, senhores, é uma doença, uma doença muito real. Uma consciência ordinária nos basta mais que amplamente em nossa vida cotidiana, isto é, uma porção igual à metade, a um quarto da consciência outorgada ao homem culto do nosso século XIX e que, para sua desgraça, habita Petersburgo, a mais abstrata, a mais *premeditada* das cidades que existem sobre a terra (pois há cidades premeditadas e outras que não o são). Ter-se-ia, por exemplo, amplamente o suficiente dessa porção de consciência que possuem os homens ditos sinceros, espontâneos, assim como os homens de ação.

Imaginais, aposto, que escrevo tudo isto por atitude, para zombar dos homens de ação, para me dar importância, como esse arrastador de sabre de que falava há pouco, mas seria uma atitude de muito mau gosto. Quem pensaria então, dissei-me, senhores, em se glorificar com suas doenças e fazer delas motivo de orgulho?

Mas que digo eu! Todo o mundo age assim. É precisamente de suas moléstias que cada um tira glória e eu, provavelmente, ainda mais que os outros. Não discutamos! Minha objeção é estúpida.

Entretanto - estou firmemente convencido - a consciência, toda consciência é uma enfermidade. Eu o sustento. Mas deixemos isto por agora. Respondei-me alisto: como era possível que sempre, no instante mesmo - sim, como se fosse de propósito - precisamente no instante em que eu era o mais capaz de apreciar todas as nuances do belo, do sublime, como se dizia entre nós há pouco tempo, me acontecesse não somente pensar, mas fazer coisas tão incongruentes que... ações, para ser breve, que todos levam a cabo talvez bem, mas que eu praticava justamente quando tinha perfeita consciência de que era preciso me abster? Quanto mais o bem e todas as coisas "belas e sublimes" se tomavam claras à minha consciência, mais profundamente eu me afundava na minha lama, mais eu me sentia capaz de me enterrar definitivamente. Porém o que era particularmente notável, é que esse desacordo não parecia uma coisa fortuita, dependendo das circunstâncias, mas parecia vir por si e se produzir muito naturalmente. Dir-se-ia que era meu estado normal e de modo nenhum uma doença ou um vício; a tal ponto que, finalmente, perdi todo o desejo de lutar. Enfim, para concluir, admito quase (talvez o admita completamente) que tal era com efeito o estado normal do meu espírito. Mas, antes, no começo, quantos sofrimentos suportei pacientemente nessa luta! Não acreditava que outros pudessem estar no mesmo caso, e durante toda a minha vida escondi esta particularidade como um segredo. Eu tinha vergonha (pode ser que tenha vergonha ainda hoje). Isto ia tão longe que me acontecia gozar uma espécie de prazer secreto, vil, anormal, ao entrar em casa, no meu buraco, por uma dessas noites petersburguesas sujas e feias, e repetindo-me que tinha ainda cometido uma vilania, nesse dia, e que era impossível reaparecer lá em cima. E inquietava-me então interiormente. Eu me atormentava, despedaçava-me, bebia longamente a minha amargura, fartava-me tanto, que finalmente sentia uma espécie de fraqueza vergonhosa, maldita, onde gozava uma volúpia real. Sim, uma volúpia! Uma volúpia! Insisto nisso. Comecei a falar disto, precisamente porque eu quero saber com justeza se os outros conhecem tais volúpias.

Explicar-vos-ei: a volúpia, neste caso, provinha de que eu me inteirava demais da minha humilhação; ela unia-se à sensação de ter atingido um último limite: tua situação é abominável, mas não pode ser outra; não te resta nenhuma salda; nunca poderás mudar, porque, mesmo que tivesses o tempo e a fé necessários, tu mesmo não quererias tomar-te um homem diferente; e, aliás, ainda que quisesses mudar, serias incapaz: com efeito, mudar em quê? -Não há talvez nada além disso!

Mas o essencial - e isto é o fim dos fins - é que tudo se cumpre conforme as leis fundamentais e normais da consciência requintada e dela flui diretamente, embora seja completamente impossível

não somente mudar, mas em geral, reagir, de um modo qualquer. A consciência requintada nos diz, por exemplo: "sim, tens razão, tu és um canalha"; mas o fato de eu poder verificar a minha própria canalhice, não me consola de jeito nenhum de ser um canalha. Mas isto chega!... Quantas palavras, meu Deus. Mas que explicaste? De onde provém essa volúpia? Procuo explicar-me entretanto. Irei até o fim. Foi para isto que tornei a pena...

Assim, por exemplo, tenho um amor-próprio terrível; sou tão desconfiado e suscetível como um corcunda, ou um anão. Mas, verdadeiramente, houve minutos da minha existência em que, se me tivessem dado uma bofetada, eu teria sido muito feliz, talvez. Falo seriamente: teria podido certamente encontrar aí algum prazer, o prazer do desespero, evidentemente; é o desespero que encobre as volúpias mais ardentes, sobretudo quando a situação parece realmente sem saída. Ora, aí, no caso da bofetada, quanto aniquilamento esta sensação de ter sido esmagado assim!

Mas o principal é que sempre acontece que sou eu o culpado, de qualquer lado que se examinem as coisas, e, o que é mais, culpado sem afinal o ser, ou dito por outra forma: de conformidade com as leis da natureza. Sou culpado, em primeiro lugar porque sou mais inteligente do que todos aqueles que me rodeiam (julguei-me sempre mais inteligente do que aqueles que me cercam, e acontece-me até - imaginai! - sentir-me confuso com a minha superioridade, de tal modo que durante a minha vida tenho olhado as pessoas de esguelha, por assim dizer, e nunca pude encará-las bem de frente). Sou culpado, além disso, porque mesmo que eu tivesse tido um sentimento qualquer de generosidade, a consciência de sua inutilidade não teria servido senão para me atormentar ainda mais. Eu não teria podido certamente tirar nada daí: não teria podido perdoar, pois o ofensor teria me atacado conforme as leis da natureza, as quais não fazem caso do nosso perdão; mas impossível, por outro lado, esquecer, pois o insulto, por mais natural que seja, nem por isso permanece menos. Enfim, mesmo que eu renunciasse a ser generoso e quisesse, ao contrário, vingar-me do ofensor, não poderia fazê-lo, porque me era impossível decidir-me a agir, mesmo que tivesse esse direito.

E afinal, por quê? É a esse respeito que eu queria dizer-vos algumas palavras.

III

Como as coisas se passam entre aqueles que são capazes de se vingarem e, em geral, de se defenderem?

Quando o desejo de vingança se apodera de seu espírito, não há lugar neles senão para esse desejo. Precipitam-se para a frente sem se desviarem, cornos abaixados, como touros furiosos, e não se detêm na carreira senão quando se encontram diante de um muro. (A propósito, diante de um muro, esses senhores, isto é, as pessoas simples e espontâneas, os homens de ação, se apagam e cedem com toda a sinceridade. Para eles esse muro não é de maneira alguma o que é para nós outros, os que pensamos, e, por consequência, não agimos; quer dizer, uma escusa; não é de modo algum, a seus olhos, um pretexto cômodo para arrepiar caminho, pretexto no qual nós outros não acreditamos, como uma regra. Não, eles nada perdem com toda esta sinceridade. O muro tem para eles algo de tranqüilizante, moralmente calmante, final – talvez mesmo misterioso... mas do muro.)

Pois bem, é precisamente esse homem simples e espontâneo que considero como o homem normal por excelência, no qual pensava nossa terna mãe Natureza quando nos fazia amavelmente nascer sobre a terra. Invejo esse homem, não o nego: ele é estúpido. Mas, que sabeis a esse respeito? É possível que o homem normal deva ser burro. É possível mesmo que isso seja muito belo. E essa suposição me parece tanto mais justificada quanto, se tomarmos a antítese do homem

normal, isto é, o homem com a consciência refinada, o homem saído não do seio da natureza, mas de um alambique (é quase misticismo, senhores, mas estou inclinado também a essa suspeita), vê-se que esse homem alambicado se apaga por vezes a tal ponto diante da sua antítese e lhe cede que, malgrado todo o refinamento de sua consciência, acontece-lhe não mais se considerar senão tão pequeno quanto um rato. Será talvez um rato extremamente clarividente, mas nem por isso é menos um rato, e não um homem, enquanto que o outro é bem um homem; em consequência... etc., etc. Mas o pior é que ele se considera a si mesmo como um ratinho, ele mesmo! Ninguém, com efeito, exige dele essa confissão. E isto é muito importante.

Vejamos então um pouco esse ratinho em ação. Ele também foi ofendido, por exemplo (ele se sente quase continuamente ofendido), e pretende se vingar. É possível que acumule em si mais raiva ainda do que o *homem da natureza e da verdade*. O desejo desprezível e mesquinho de pagar ao seu ofensor o mal com o mal o domina, talvez ainda mais violentamente do que domina o *homem da natureza e da verdade*, porque este, em sua rudeza natural, considera sua vingança como uma ação perfeitamente justa, enquanto o ratinho não lhe pode admitir a justiça, por causa de sua consciência mais clarividente. Mas eis-no enfim chegados ao ato mesmo da vingança. Em acréscimo à vilania inicial, o desgraçado ratinho conseguiu acumular em torno de si, sob a forma de dúvidas e hesitações, tantas outras vilanias, à primeira indagação ajuntou tantas outras, completamente insolúveis, que, por mais que faça, criou em torno de si um atoleiro fatal, um lodaçal fedorento, um charco de lama, formado de suas hesitações, de suas suspeitas, de sua agitação, de todos os escarros que fazem chover sobre ele os homens de ação que o cercam, o julgam, o aconselham e dele riem a bandeiras despregadas. Não lhe resta então mais nada a fazer, evidentemente, que abandonar tudo, simulando desprezo, e desaparecer vergonhosamente em seu buraco. E lá, num sujo e lamacento subterrâneo, nosso ratinho insultado, batido e escarnecido lentamente mergulha na sua raiva fria, envenenada e, sobretudo, inesgotável. Durante quarenta anos ele se lembrará do insulto sofrido, em todos os seus pormenores mais vergonhosos ainda, excitando-se malvadamente, atizando-lhe a imaginação. Ele próprio terá vergonha, mas evocará todas as minúcias, passará em revista uma a uma todas as circunstâncias, inventará mesmo outras, sob o pretexto de que teriam podido acontecer, e não perdoará nada. Talvez, inicie a sua própria vingança, também, mas, como sempre, pacífica, através de tentativas, às escondidas, incógnito, sem mesmo acreditar no seu direito de vingança, ou no sucesso desta vingança, sabendo que por todos os esforços para se vingar irá sofrer um centena de vezes mais nele próprio, que aquele de quem quis se vingar, posso estar exagerando, sofra um único arranhão. Em seu leito de morte ainda se lembrará de tudo novamente, com interesse acumulado sobre todos os anos e....

Mas, é neste frio, abominável, metade desprezo, metade crença, na qual sua consciência vive submersa, em desgosto neste submundo por quarenta anos, no qual atualmente reconhece-se e ainda espera, um pouco em dúvida, de sua própria posição, neste inferno de desejos insatisfeitos tornados íntimos, no qual febres de oscilações, de resoluções determinadas para sempre e declinada novamente um minuto mais tarde – que o saber deste estranho contentamento do qual eu tenho falado reside. Isto é tão inesperado, tão difícil de analisar, que pessoas que são um pouco limitadas, ou mesmo simplesmente pessoas de nervos fortes, não compreenderão uma única partícula disto. “Possivelmente”, você ira acrescentar, em sua própria consideração, com um sorriso amplo e forçado, “pessoas não o compreenderão, a menos que você nunca tenha recebido um tapa no rosto”, e deste modo você polidamente insinua que eu, também, talvez, tenha tido a experiência de um tapa no rosto em minha vida, e por isto eu questione como uma pessoa que conhece. Eu aceito que você pense assim. Mas, permita-me expor o restante de meus pensamentos, senhores, eu não recebi um tapa no rosto, embora seja absolutamente indiferente para mim que você pense assim. Possivelmente, eu mesmo admita, para mim mesmo que eu tenho dado tão poucos tapas na face durante minha vida. Mas, no entanto... vejamos uma outra palavra sobre este assunto do tão extrema importância para você.

Continuarei considerando calmamente pessoas com forte nervos que não compreendem um certo refinamento da alegria. Embora em certas circunstâncias estes senhores baixem seus cornos como touros, ainda assim, devemos supor que eles acreditam piamente, ainda, como já disse, estarem diante do impossível que surge de uma vez. O impossível significa o muro de pedras! Por que muro de pedra? Por causa, evidentemente, das leis da natureza, das deduções, das deduções das ciências naturais, da matemática. Assim, eles provam a você, por exemplo, que você é descendente de um maçado, não considere isto por uma questão acadêmica, mas por um fato. Quando eles provam a você que na realidade uma gota da sua própria gordura dever ser mais querida por você, que um centena de anos deste seu caráter amigável, e que esta conclusão é a solução final de toda assim chamada virtude e dever e todos tais preconceitos e fantasias, então você terá que aceita-lo, não haverá saída, como duas vezes dois é uma lei matemática. Tentemos refutar isto.

“Dou-lhe minha palavra, eles gritam para você, não tente protestar: é um caso de duas vezes dois ser igual a quatro! A Natureza não pede a sua permissão, ela não tem que fazer o que você quer, e quer você goste ou não dela, você está limitado a aceita-la como ela é, e conseqüentemente todas as suas conclusões. Um muro, você vê, é um muro... e assim por diante, e assim por diante.”

Céus Bondosos! Mas o que fazer se considero as leis da natureza e da aritmética, e quando, por alguma razão, eu desgosto destas leis e do fato de que duas vezes dois seja quatro? Evidentemente, eu não posso quebrar o muro batendo minha cabeça nele, se eu realmente não tenho a força suficiente para derrubá-lo, mas eu não vou simplesmente me conciliar com isto porque é uma parede de pedras e eu não tenho força.

No entanto, este muro de pedras realmente foi um consolo, e realmente contém algumas palavras de conciliação, simplesmente porque é uma verdade que duas vezes é igual a quatro. Oh, absurdo dos absurdos! Tudo bem, se é para compreender tudo, para reconhecer tudo, toda a impossibilidade do muro de pedras; não se concilie com estas impossibilidades e muros de pedras, se te desagrade reconciliar com isto; por meio das combinações mais lógicas e inevitáveis para atingir as mais revoltantes conclusões sobre este tema, que mesmo para o muro de pedras você se sente culpado, ainda que, novamente, seja claro como o dia que você não tem culpa nenhuma, e, portanto, rangendo seus dentes, em silêncio, impotente para afundar dentro da suntuosa inércia, medita sobre os fatos e que não há um único motivo para você sentir-se vingado, que você não tem, e talvez nunca irá ter, um objeto para seu rancor, que é uma prestidigitação, um naco de malabarismo, um curinga de trapaceiro, que é simplesmente uma trapaça, não saber o que e não saber quando, mas, a despeito de todas estas incertezas e malabarismos, ainda há um sofrimento em você, e quanto mais você não sabe, pior você sofre.

IV

"Ah! Ah! Ah! Se é assim, você chegará a descobrir uma certa volúpia até na dor de dentes!", exclamais vós, rindo.

- Mas, sim, responderei; há uma volúpia na dor de dentes: tive dor de dentes um mês inteiro; sei o que digo. Não se sofre em silêncio, neste caso; geme-se. Mas a esses gemidos falta franqueza; há neles certa malignidade, e tudo está ali, precisamente. Esses gemidos exprimem a volúpia daquele que sofre; se a doença não lhe trouxesse um certo prazer, ele cessaria de se 'queixar. É um exemplo excelente, senhores, e vou desenvolvê-lo.

Esses gemidos exprimem, primeiramente; a consciência tão humilhante da perfeita inutilidade de vosso sofrimento, sua legalidade do ponto de vista da natureza, sobre a qual escarrais, evidentemente, mas que vos faz sofrer, permanecendo perfeitamente impassível. Significam também - que

vós compreendeis que o inimigo não existe, mas que a dor está lá, mesmo assim, e que, com todos os vossos Wagenheim, sois o escravo de vossos dentes: quando calhar, vossos dentes cessarão de doer; mas se foi decidido de outra maneira, eles vos farão ainda sofrer durante três meses. E, se vós recusais a vos submeter e protestais apesar de tudo, não vos resta outro meio de vos consolardes senão o de vos esbofetardes e de quebrardes os punhos contra a parede. Pois bem! São precisamente essas ofensas sangrentas, essas chalaças, que se permite não se sabe quem, são elas que suscitam esta sensação de prazer, a qual atinge por vezes a suprema volúpia.

Eu vos suplico, senhores, prestai atenção uma vez aos gemidos de um homem culto do século XIX que sofre dos dentes há dois ou três dias, quando ele se põe a gemer de modo diferente do primeiro dia, isto é, não unicamente porque tem uma dor, não como um grosseiro camponês, mas como um ser instruído que se pôs em contato com a civilização européia, como um homem "desligado do solo natal e dos princípios nacionais", como se diz hoje em dia. Seus gemidos se fazem maus, raivosos e não cessam mais, nem de dia nem de noite. Ele próprio sente muito bem, entretanto, que não lhe são de nenhuma utilidade. Melhor que ninguém, sabe que irrita os que o rodeiam e os tortura, e se tortura a si mesmo, sem proveito nenhum. Sabe que o público e a família, diante da qual se debate, não experimentam mais que desgosto com suas queixas, não mais acreditam nelas, e compreendem que poderia gemer de outra maneira, mais simplesmente, sem todos esses trinados, sem todas essas atitudes, e que ele exagera por malícia e por malvadez... Pois bem! Aí está! É justamente nessa humilhação claramente vista que jaz a volúpia. "Ah! Eu vos desoriento, dilacero-vos o coração, impeço de dormir toda a casa! Pois bem! Tanto melhor! Não durmais então! Convençei-vos de que tenho dor de dentes! Não sou mais para vós esse herói que pretendia ser; não passo de um pobre poltrão, de um patife! Tanto melhor! Estou feliz, mesmo que me tenhais adivinhado enfim! Meus miseráveis gemidos vos são penosos de ouvir? Tanto pior! Eu vos lançarei numa roda-viva mais bela ainda! . .

Continuais a não compreender, senhores? - Sim, para poder apanhar todas as nuances dessa volúpia sensual, é preciso que vossa consciência atinja uma grande profundidade. Rides? Sou muito feliz. Minhas brincadeiras, senhores, são de muito mau gosto, certamente; são embrulhadas e soam falso. Tudo isto provém de que eu não me respeito: mas aquele que se conhece pode se estimar, por pouco que seja?

V

É possível verdadeiramente sentir ainda algum respeito por si mesmo, aquele que se dedicou a descobrir uma certa volúpia na consciência da sua própria humilhação? Isto que digo não é de modo algum ditado por insípido remorso. E em geral, detesto dizer: - "Perdoe-me, papai, não o farei nunca mais!" Não porque seja incapaz de pronunciar estas palavras, mas talvez muito ao contrário, porque sou capaz demais!

E como um fato expresso, eu me precipitava para a frente precisamente quando não estava absolutamente para nada no negócio. Era o que havia de mais repugnante. E com isto eu me enternecia, confessava-me, chorava e, por fim, naturalmente, enganava-me a mim mesmo, não dissimulando, entretanto: era meu coração quem me pregava estas partidas de mau gosto.

Neste caso nem sequer nos podíamos queixar das leis da natureza, embora essas leis me tivessem feito sofrer numerosos vexames no curso da minha existência. É penoso recordar tudo isto, e, de resto, naquele momento era muito penoso também. Com efeito, um minuto mais, e convenço-me raivosamente de que tudo isto não é senão mentira, mentira ignóbil, infame

comédia - esta contrição, este enternecimento, estes juramentos de vida nova! Vós me perguntareis porque me torturava, porque me deslocava assim? Resposta: porque me aborrecia demais permanecer de braços cruzados; eis aí porque me entreguei a essas contorções. Era assim, asseguro. Observai bem, senhores, e verificareis então que as coisas se passam precisamente assim. Eu imaginava aventuras e criava para mim uma existência fantástica para viver de um modo ou de outro. Quantas vezes, por exemplo, cheguei a me ofender, por motivos absurdos, de propósito: sabes bem, tu mesmo, que não há por que se zangar, e que te excitas a frio, mas te aqueces a tal ponto que chegas finalmente a te encolerizar sinceramente.

Tive sempre o gosto por estas histórias. Tanto e tão bem que finalmente perdi todo poder sobre mim mesmo. Uma vez, duas vezes mesmo, quis me forçar a me apaixonar. Sofri mesmo, senhores, garanto. Não se acredita nesse sofrimento, no fundo da alma, ri-se dele, quase, mas sofre-se verdadeiramente, de maneira muito real; fica-se com ciúme, fora de si ... E a causa de tudo isto, é o tédio, meus senhores; a inércia nos esmaga. O fruto legítimo, o fruto natural da consciência é com efeito a inércia: cruzam-se os braços com conhecimento de causa. Já falei disso. Digo e repito com insistência: todos os homens simples e sinceros, todos os homens ativos, são ativos justamente porque são obtusos e medíocres.

Como explicar isto? Eis aqui: por causa de sua estreiteza de espírito, eles tomam as causas secundárias, imediatas, pelas causas primeiras; e bem mais facilmente, bem mais rapidamente que os outros, imaginam ter encontrado razões sólidas, fundamentais, para sua atividade. Então eles se tranqüilizam; ora, isto é o principal. Para poder agir, com efeito, é preciso previamente atingir uma perfeita tranqüilidade e não mais conservar nenhuma dúvida. Mas como alcançar essa tranqüilidade de espírito? Onde poderia eu encontrar os princípios fundamentais sobre os quais possa construir? Onde está minha base? Onde iria procurá-la?

Excito-me pensando. Por outras palavras, toda a causa em mim arrasta imediatamente uma outra após ela, ainda mais profunda, mais fundamental, e assim em seguida, até o infinito. Tal é a essência de todo o pensamento, de toda a consciência. Encontramo-nos então diante das leis da natureza. E o resultado? É sempre o mesmo, lembrai-vos! Falei-vos antes em vingança (certamente não penetrastes muito bem a coisa). Diz-se: o homem se vinga porque considera que isso é justo. Encontra então o princípio fundamental que procurava: é a justiça. Sente-se então completamente apaziguado e vinga-se com toda a tranqüilidade e com pleno sucesso, estando persuadido que cumpre uma ação justa e honesta. Ora, quanto a mim, eu não vejo nisso nada de justo nem de bom; e, se, por conseguinte, tento me vingar, é pura malvadez da minha parte. A raiva poderia evidentemente vencer todas as hesitações e seria então capaz de desempenhar com sucesso o papel dessa razão fundamental, precisamente porque ela não pode ser considerada como tal. Mas que fazer, se não sou suficientemente malvado? (Indiquei-o desde o começo.)

Minha raiva é submetida a uma espécie de decomposição química, em virtude justamente dessas mesmas malditas leis da consciência. Mal distingui o objeto do meu ódio, ei-lo que se desvanece, os motivos se dissipam, o responsável desapareceu, o insulto não é mais insulto, mas um golpe do destino, alguma coisa como uma dor de dentes, de que ninguém é culpado. E não me resta mais então outro consolo que quebrar meus punhos contra a parede. Na impossibilidade de encontrar as causas primeiras, renuncio então à minha vingança com um desdém afetado. Ah! Se a gente tentasse abandonar-se a seu sentimento, cegamente, sem reflexão alguma, sem procurar nenhuma razão, afastando para bem longe de si toda a consciência, nem que fosse por algum tempo! Seria então uma coisa muito diferente! Maldize ou adora, mas não permaneças de braços cruzados. A partir do depois de amanhã - último adiamento - tu te desprezarás de ter conscientemente te enganado a ti mesmo. Resultado final: bolha de sabão, inércia.

Ah! Senhores! É possível que eu me considere extremamente inteligente pela única razão de que, em toda a minha vida, nunca pude começar nem acabar fosse o que fosse. Não passo pois de um tagarela, de um tagarela inofensivo, de um impertinente como nós todos. Mas que fazer, senhores, se o destino de todo homem inteligente é tagarelar, isto é, derramar água numa peneira!

VI

Oh! Se eu não tivesse passado de um preguiçoso! Como eu me teria respeitado a mim mesmo! Ter-me-ia respeitado precisamente porque me teria visto capaz ao menos de preguiça, porque teria possuído então ao menos uma qualidade definida, da qual estaria certo. Pergunta: Quem és? Resposta: um preguiçoso! Teria sido verdadeiramente muito agradável ouvir chamar-se assim. Tu estás então definido de maneira positiva; há alguma coisa então a dizer da tua pessoa. .. "Um preguiçoso!" - É um título, é uma função, é uma carreira, meus senhores! Não riais disto; é assim. Teria sido, assim, por direito, membro do primeiro clube do universo e teria passado todo o meu tempo a me respeitar. Conheci um sujeito cujo orgulho era ser entendido em Laffitte. Considerava essa qualidade como uma virtude muito preciosa e não duvidou jamais dele. Morreu com a consciência não somente tranqüila, mas triunfante mesmo, e teve razão. Eu teria nesse caso escolhido uma carreira: teria sido um preguiçoso e um glutão; não um guloso vulgar, mas um gozador, interessando-se por "tudo que é belo e sublime". Que pensais? Há muito tempo sonho isso. "O belo e o sublime" pesam como chumbo sobre a minha nuca desde que fiz quarenta anos. Desde que tenho quarenta anos! Mas antes? Teria sido muito diferente! Teria logo encontrado uma forma de atividade adaptada ao meu caráter: por exemplo, beber à saúde de todas as coisas "belas e sublimes". Teria agarrado cada ocasião de beber à glória "do belo e do sublime", depois de ter, previamente, deixado cair uma lágrima na minha taça. Eu teria então tornado todas as coisas "belas e sublimes"; teria descoberto "o belo e o sublime", até nas torpezas mais incontestáveis; teria derramado prantos tão abundantes, como aqueles que deixa escapar uma esponja. Um pintor, por exemplo, compôs um quadro digno de Gay, logo eu bebo à saúde desse pintor, porque amo tudo que é "belo e sublime". Um poeta escreveu COMO AGRADAR A CADA UM, e eu bebo depressa à saúde de cada um, - porque amo "o belo e o sublime". Isto me valerá o respeito geral; exigirei esse respeito; perseguirei com a minha cólera aquele que mo recusar. Vivo pacificamente, morro solenemente. Não é admirável? Não é esquisito? Teria deixado crescer um ventre tão opulento, teria erguido para o alto um nariz tão gorduroso, teria ornado meu rosto com um queixo tão vasto, que todos ao me verem teriam exclamado: "Eis aí um ser bem real, um ser positivo!" Como quiserdes, mas é bem agradável ouvir dizer tais coisas a seu respeito em nosso século, tão essencialmente negativo.

VII

Mas não são senão sonhos de ouro!

Oh! Dizei-me qual foi aquele que primeiro declarou, que proclamou primeiro que o homem não comete vilanias senão porque não se apercebe de seus próprios interesses, e que se fosse esclarecido, se lhe abrissem os olhos sobre seus verdadeiros interesses, sobre seus interesses normais, cessaria imediatamente de cometer vilanias, e se tornaria no mesmo instante bom e honesto, pois, esclarecido pela ciência e compreendendo seus verdadeiros interesses; encontraria no bem sua própria vantagem? Como está entendido que ninguém pode agir conscientemente contra seu próprio

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

